

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ALAIN DELON, A VIRTUDE DO SILENCIO
7 e 15 de outubro de 2025

MONSIEUR KLEIN / 1976

Um Homem na Sombra

Um filme de JOSEPH LOSEY

Realização: Joseph Losey / **Argumento:** Franco Solinas e Fernando Morandi / **Fotografia:** Gerry Fisher / **Montagem:** Henri Lanoë / **Direcção Artística:** Alexandre Trauner / **Décors:** Pierre Duquesne e Olivier Gérard / **Música:** Egisto Macchi e Pierre Porte / **Guarda-Roupa:** Annalisa Nasalli-Rocca / **Interpretação:** Alain Delon (Robert Klein), Jeanne Moreau (Florence), Suzanne Flon (porteira), Michel Lonsdale (Pierre), Juliet Berto (Janine), Francine Bergé (Nicole), Jean Bouise (judeu com quadro), Louis Seigner (pai de Robert), Michel Aumont (comissário da polícia), Massimo Girotti (Charles), Francine Racette (Nathalie/Françoise/Cathy/ Isabelle), Roland Bertin (editor do jornal), Etienne Chicot e Pierre Vernier (polícias), Jacques Maury (Montandon), Isabelle Sadoyan (mulher examinada pelo médico), etc.

Produção: Alain Delon e Raymond Danon, para Lira Films, Adel Productions, Nova Films, Mondial Te-Fi / **Cópia:** digital, cor, legendada em português / **Duração:** 123 minutos / **Estreia Mundial:** Festival de Cannes, Maio de 1976 / **Estreia em Portugal:** Condes, a 13 de Maio de 1977

Produzido e protagonizado por Alain Delon (aqui num dos seus melhores papéis), **Monsieur Klein** pertence, sem sombra de dúvida, ao melhor que nos deu o talento de Joseph Losey: um filme complexo, que aborda em simultâneo um leque de questões controversas, admiravelmente construído e aperfeiçoado até ao último pormenor. Trata-se de um filme em que o antisemitismo funciona como bordão contínuo – desde a primeira sequência, em que uma mulher possivelmente semita é examinada por um médico (que manifesta em relação à sua paciente menos cordialidade do que um veterinário em relação a uma égua), até à última, em que a polícia francesa reúne de madrugada os judeus de Paris no Vélodrome d'Hiver para os levar para as câmaras de gás na Alemanha. No entanto, **Monsieur Klein** não é um filme convencional sobre o nazismo: em primeiro lugar porque a Ocupação propriamente dita é algo que não passa ainda de uma ameaça, de um ambiente de terror surdo-mudo que se insinua misteriosamente no próprio ar que os parisienses respiram; em segundo lugar, porque a considerável violência do filme é puramente psicológica. Losey optou por explorar apenas o efeito, no quotidiano de um homem (Robert Klein), de uma desumanidade que decorre sempre em "off", elidida até no momento de horror final. O que o filme documenta é o nazismo plenamente aceite pela sociedade francesa *antes* da Ocupação, assim como toda a preparação que as autoridades fizeram para aplanar o caminho a Hitler, à Gestapo e ao inovável pesadelo que estava para vir. No autocarro para o Vélodrome d'Hiver (derradeira paragem antes das câmaras de gás), uma judia pergunta a Klein se ele acredita que as autoridades os vão entregar aos "boches". Klein diz que não tem nada que ver com esse assunto e ela observa ingenuamente que "a polícia francesa nunca faria uma coisa dessas". A confiança patenteada pela judia no autocarro no final do filme é a

mesma que leva Klein ao campo de concentração. "Acredito nas instituições francesas", declara a Pierre, o "amigo" advogado que agarra todas as oportunidades para pôr em prática o seu oportunismo congénito. No entanto, essas instituições de pouco ou nada lhe servem, justamente devido ao facto de o célebre "colaboracionismo" ter começado, antes da Ocupação, pelas ditas instituições.

De certo modo, **Monsieur Klein** é o *Ovo da Serpente* da história francesa: mostra-nos que, quando os nazis ocuparam Paris, já estavam todas as condições reunidas para que essa *Machttübernahme* pudesse vingar. Por outro lado, é um filme que estabelece relações "intertextuais" com outras obras cinematográficas que retrataram a mesma época: **La Règle du Jeu** de Jean Renoir e **Stavisky** de Alain Resnais. Mas a principal relação "intertextual" poderá nem ser entendida em termos de alusão cinéfila, pois o ambiente e a técnica narrativa utilizados por Losey neste filme lembram-nos antes de mais o universo de Kafka. A "acusação" intangível que nunca se materializa em dados concretos, a necessidade de fazer frente a um inimigo invisível, o estatuto de bode expiatório de um agente tão anónimo que tem o mesmo nome da sua vítima, o tema do *Doppelgänger* sinistro, omnipresente como "alter ego" judeu de alguém que recusa admitir a hipótese de o ser ("nous sommes français et catholiques depuis Louis XIV", afirma o pai de Klein indignado; e antes desse "depuis" tão significativo?). O pesadelo por que Klein passa neste filme – desde a posição de força em que o encontramos no início, em que se pode dar ao luxo, no seu luxuoso apartamento da rue du Bac, de comprar a um judeu um quadro de Adriaen van Ostade por metade do seu valor, até ao momento final em que vai para as câmaras de gás na mesma carruagem de gado em que segue o mesmo judeu – tem todos os contornos típicos do imaginário de Kafka (cujas irmãs, recorda-se, tiveram, em Auschwitz, o mesmo destino que espera por Robert Klein no final do filme).

No entanto, o pesadelo funciona a outro nível, no contexto do qual podemos ver na evolução da figura de Klein uma progressiva superação dos piores defeitos da sua personalidade. Por outras palavras, o pesadelo verdadeiro é a pessoa de Klein no início do filme, alguém que usa os outros como o invisível Robert Klein o usa a ele; alguém que perdeu qualquer resquício de humanidade, insensível aos problemas e às dores alheias. Seria exagero dizer-se que há uma "redenção" no final do filme; no entanto a responsabilização que Klein sente em relação ao cão do seu homónimo, por exemplo, e a desconfiança que mostra relativamente à "humanidade" de Pierre, o advogado, são outros tantos elementos que podem apontar no sentido de uma reabilitação final da figura de Klein.

No conjunto, **Monsieur Klein** é um filme fascinante, que suscita pela própria temática um sem-número de leituras. A perfeição da sua "mise-en-scène" faz dele uma das obras supremas de Losey – talvez, até, o seu melhor filme.

Frederico Lourenço

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico